

10-2009

## Poullart des Places e as almas abandonadas

Joseph Michel

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

Michel, J. (2009-2010). Poullart des Places e as almas abandonadas. *Missão Espiritana*, 16-17 (16-17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol16/iss16/12>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## 7. Cláudio Francisco Poullart des Places e as almas abandonadas

A infância e juventude de Cláudio e o seu ambiente familiar não nos levariam a supor o tipo de vocação que acabaria por abraçar. Sem subestimar a sincera atenção que tinha pelos pobres, devemos considerar a influência que tiveram sobre ele alguns apóstolos seus contemporâneos; entre eles, apontamos Grignon de Montfort e o padre Júlio Bellier.

A vocação de Cláudio alicerçou-se também na preocupação que tinha pelas paróquias pobres e pelos ministérios pastorais menos desejados: era necessário um clero bem formado para aqueles serviços; esta tinha sido já a preocupação de um amigo e colaborador muito próximo do padre Bellier, o padre Doranleau, que escreveu uma carta aos bispos de França relativa à melhor educação que poderia ser dada aos seus clérigos e às vantagens que daí resultariam para a Igreja<sup>2</sup>. Este opúsculo apresenta uma linha de pensamento semelhante a um manuscrito de 1680, que se encontra na biblioteca nacional de França<sup>3</sup>.

Aqui encontramos pois, os fundamentos das convicções que levaram Cláudio Poullart a reunir uma pequena comunidade de estu-

\* O P. Joseph Michel, (1912-1996), *espiritano, antigo capelão geral dos estudantes do ultramar, doutor em letras, especialista da actividade missionária da Bretanha* preparou uma obra fundamental sobre Poullart des Places, intitulada: *Claude-François Poullart des Places, fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit, 1679-1709* (Paris, Ed. Saint Paul, 1962); publicou pela primeira vez este estudo na revista *Spiritus* de Outubro de 1959.

<sup>2</sup> J.A.D.D., *Lettre à Nosseigneurs les archevêques et évêques de France...*, Paris, 1701.

<sup>3</sup> *Petits Séminaires pour élever gratuitement et pauvrement, selon l'esprit du Concile de Trente, pendant plusieurs années, les pauvres écoliers destinés au service des paroisses de la campagne*. Bibliothèque Nationale, Collection Morel de Thoisy, Réserve Z, vol. 273, p. 404-411, manuscrit de 7 pages in-quarto, dont l'auteur est François de Chanciergues.

dantes pobres, com o seu estilo de educador, com as suas exigências de formação espiritual e intelectual e com a sua mística de pobreza.

## AS ORIGENS DE POULLART DES PLACES

A linhagem dos Poullart des Places vem de uma antiga família da Bretanha, mais propriamente de Paimpol. A história guardou o nome de Geoffroy Poullart, um dos cavaleiros de Beaumanoir, morto no *Combate dos Trinta*, em 1350 e de Guilherme Poullart, bispo de Rennes e mais tarde de Saint-Malo, que faleceu em 1384.

O pai de Cláudio, chamado Francisco Poullart, era advogado no Parlamento de Rennes. Em 1677, casou-se com Joana Le Me-neust, educadora dos filhos do Conde de Marbeuf, Presidente do Parlamento da Bretanha. Francisco Poullart era um homem com uma prodigiosa actividade. Juiz-Guarda da Moeda de Rennes a partir de 1685, era também um grande arrendatário de terras de cultivo das quais recolhia os seus lucros; recebia benefícios da abadia de Saint-Melaine e de outras abadias beneditinas; era o cobrador dos dízimos para as dioceses de Rennes e de Saint-Brieuc. E todos estes encargos não o impediram de se tornar num dos maiores negociantes de Rennes da sua época.

Por isso, não demorou a adquirir uma grande fortuna. Em Rennes, comprou várias casas, entre as quais se destaca a *casa nobre des Mottais*, situada na actual rua Waldeck Rousseau, e mandou construir grandes prédios junto das ruas *de la Monnaie* e de Saint-Guillaume. Ao mesmo tempo que comprara a *casa des Mottais*, tornou-se proprietário de cerca de 40 hectares de terreno sobre os quais foram construídos posteriormente os bairros dos Mottais e de Maurepart. Toda esta actividade de Francisco Poullart tinha em vista um objectivo bem preciso: fazer entrar a sua família na linhagem da nobreza da qual fora excluído desde a Reforma de 1668.

## OS ANOS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Cláudio Francisco, seu filho, nasceu no ano 1679, a 26 de Fevereiro, e foi baptizado no dia seguinte na igreja Saint-Pierre-en-Saint-Georges. Teve por padrinho o senhor Cláudio de Marbeuf e por madrinha a senhora Ferret, mulher de um dos maiores banqueiros de Rennes.

Com a idade de 7 anos foi para o colégio dos jesuítas. Os seus pais moravam então na paróquia de Saint-Germain, numa casa situada junto da actual praça do Palácio.

Ao longo de todo o seu ciclo de estudos, o jovem revelou-se um aluno brilhante nas diversas áreas. Participou diversas vezes e com talento nos ballets e nas peças de teatro que se faziam de vez em quando no colégio. No fim dos seus estudos, em 1695, foi escolhido para defender o Grande Acto – tese de filosofia, cuja defesa era con-

“Ao longo de todo o seu ciclo de estudos, o jovem revelou-se um aluno brilhante nas diversas áreas.”

fiada ao aluno mais dotado e que se realizava cada ano com grande solenidade. A sua tese foi dedicada ao Conde de Toulouse, filho de Luís XVI e governador da Bretanha.

## A AMIZADE DE UM SANTO

Mas os seus anos de colégio foram sobretudo marcados pela amizade que desenvolveu com Luís Maria Grignon de Montfort, seu condiscípulo que se tornaria também seu vizinho. Com efeito, em 1690, a família Poullart des Places passou a residir na rua de São Salvador, próxima da rua do Capítulo onde moravam os Grignon e que ficava também nas imediações do santuário de Nossa Senhora dos Milagres.

Entre os dois jovens existia uma notória diferença de idade; Grignon de Montfort era 6 anos mais velho. Eram também muito diferentes no carácter. Mas a devoção à Virgem e o amor pelos pobres aproximava-os e limava as diferenças. Com frequência, durante os anos de estudos, Grignon foi, na época das férias, o convidado de Cláudio para a casa de campo dos Mottais.

“a devoção à  
Virgem e o amor  
pelos pobres  
aproximava-os”

## A INFLUÊNCIA DO PADRE BELLIER

É desta época que datam também os encontros de Cláudio com o padre Bellier. Júlio Bellier, que um historiador bretão quis apelar de “o mais santo dos padres de Rennes”, era capelão no hospital de Saint-Yves; mas era bem mais do que isso, pois é justo considerá-lo um precursor de Ozanam – fundador das sociedades de São Vicente de Paulo. O padre Bellier, no tempo de férias, reunia os alunos mais devotos do colégio dos jesuítas, humanistas, filósofos e teólogos. Não só lhes pregava a caridade como também os levava a praticá-la enviando-os em pequenos grupos para as salas do hospital de Saint-Yves ou para outros hospitais da cidade. Ora nestes hospitais não se encontravam apenas doentes. As instalações de Saint-Yves e do hospital central compreendiam não somente o hospital propriamente dito, mas também asilos para os pobres, enfermos e idosos; um orfanato onde as crianças abandonadas eram internadas até à idade dos 10 ou 12 anos, e uma escola de aprendizagem.

Os jovens discípulos do padre Bellier não só colaboravam com as religiosas nos cuidados a prestar aos doentes como deveriam ocupar-se sobretudo da dimensão espiritual, especialmente com o ensino do catecismo aos doentes e aos órfãos.

De vez em quando, o padre Bellier deixava Saint-Yves e a cidade de Rennes durante algumas semanas. Ele fazia parte de um grupo de padres voluntários que, sob a orientação de Dom Leuduger, continuavam, na alta Bretanha, as famosas missões de Miguel Le Nobletz e do bem-aventurado Júlio Maunoir. No regresso, entusias-

mava os seus estudantes mediante as narrações dos milagres que a graça da missão tinha operado nas almas.

Basta ler uma biografia de Luís Maria Grignon de Montfort para nos darmos conta até que ponto o padre Bellier o marcou para o resto da sua vida. Em Poitiers, como na Rochelle – sem falar da Salpêtrière aquando da sua estadia em Paris em 1703 – Grignon consagrou aos hospitais uma boa parte do seu apostolado, e foi para o serviço dos hospitais que ele fundou a Congregação das Filhas da Sabedoria. O resto do seu tempo consagrou-o às missões – fim para o qual fundou a Companhia de Maria (ramo masculino). Luís Maria Grignon de Montfort tinha entrado no seminário de Saint-Sulpice e deixado o padre Bellier desde 1693. Cláudio Poullart des Places deveria receber a sua influência durante mais tempo e de maneira diferente. Dois veteranos, um chamado Cláudio e outro João Francisco Ferret, grandes amigos da família de Poullart, tinham estado na origem da fundação em Rennes, em 1684, de um seminário para estudantes pobres. Em 1697, o bispo de Rennes nomeou o padre Bellier director deste estabelecimento que tinha as seguintes características: ninguém podia ser admitido sem apresentar previamente o *certificado de pobreza*; os seminaristas seguiam nos jesuítas os cursos de filosofia e de teologia. Nem precisamos de referir um documento escrito para podermos afirmar que o jovem Cláudio Poullart des Places visitou com frequência aquele seminário onde o seu mestre de apostolado lhe fez compreender de forma mais concreta as necessidades materiais e espirituais dos clérigos pobres.

“o jovem Cláudio Poullart des Places visitou com frequência aquele seminário onde o seu mestre de apostolado lhe fez compreender de forma mais concreta as necessidades materiais e espirituais dos clérigos pobres.”

Foi assim que, à semelhança do que aconteceu com Grignon de Montfort, se bem que por outras razões, Poullart des Places também foi marcado pelo padre Bellier. Servindo de modelo para os dois fundadores de congregações religiosas, o *mais santo padre de Rennes* tinha sido, nas mãos da Providência, um instrumento de particular eficácia. O catecismo dado aos órfãos de Saint-Yves preparava o apostolado dos pequenos savoianos; sobretudo as suas visitas ao seminário dos estudantes pobres, os seus encontros com o director, os seus contactos directos com os próprios seminaristas abriam o espírito e o coração do jovem Poullart des Places para as dimensões reais de um problema para o qual uma solução bem sucedida seria muito importante para a vida da Igreja. Em Paris, encontrará o mesmo problema que poderá ser resolvido com uma resposta semelhante.

## A FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DO ESPÍRITO SANTO

Entretanto, a formação sacerdotal do futuro fundador seria adiada. Os seus pais previam para o único herdeiro do nome da família um rico casamento e o posto de conselheiro no Parlamento. Por isso, Cláudio tinha que estudar Direito. Fê-lo em Nantes e em Paris. Acabava de fazer a sua licenciatura, quando, diante da sua irredutível decisão, os seus pais permitiram-lhe, enfim, que começasse os estudos de



teologia. Deste modo, no ano 1701, Cláudio torna-se novamente aluno dos jesuítas, desta vez como teólogo no colégio Luís-o-Grande.

Reencontrando em Paris os mesmos problemas aos quais já se tinha dedicado com o padre Bellier em Rennes, começa a interessar-se pelos savoianos a quem ensina o catecismo e também pelos seminaristas pobres. Começou por ajudar alguns destes, fornecendo os fundos necessários para o alojamento e alimentação. Em pouco tempo, quis alargar a sua obra, e para isso alugou uma casa na rua dos Cordiers. Foi lá que, na festa de Pentecostes de 1703, fundou o Seminário do Espírito Santo.

Rapidamente a casa se tornou pequena e era necessário aumentar o espaço. Foi por isso que, em 1705, o Seminário mudou para a rua Neuve-Saint-Etienne e, em 1707, devido a um novo aumento, passou para a rua Neuve-Sainte-Geneviève. Eram recebidos, tal como outrora em Rennes, somente os estudantes que não dispunham de meios para pagar a sua pensão noutro Seminário.

O número de seminaristas não deixou de aumentar de modo que à morte do fundador, em 1709, já eram 70.

A obra de Poullart des Places trazia em si um duplo projecto: o seminário propriamente dito e as bases de uma nova congregação. Os seus primeiros associados foram: Miguel Le Barbier, filho de um notário de Rennes, Tiago Jacinto Garnier, de Janzé, Luís Bouïc que tinha começado os seus estudos em Saint-Méen e Pedro Caris de Vern-sur-Seiche. Estes foram especialmente zelosos em preservar o carácter e a fisionomia da obra segundo o espírito do fundador.

“O número de seminaristas não deixou de aumentar de modo que à morte do fundador, em 1709, já eram 70.”

## O IMPACTO DE POUILLART DES PLACES E DA SUA OBRA

A amizade entre Poullart des Places e Grignon de Montfort prolongou-se na íntima colaboração entre as duas congregações por eles fundadas. Ao longo de todo o século XVIII, o Seminário do Espírito Santo viria a preparar para a Companhia de Maria cerca de dois terços dos seus membros e também 3 superiores gerais.

A influência de Poullart des Places estender-se-ia às Filhas do Espírito Santo de Saint-Brieuc por intermédio de um dos seus primeiros discípulos, Allenou de la Ville-Agevin, que lhes redigiria uma regra inspirada na que o fundador tinha fixado para o Seminário do Espírito Santo.

Os últimos meses da vida de Poullart des Places foram marcados pela colaboração com São João Baptista de la Salle. Tinha surgido o projecto de formar professores primários para as zonas rurais. Um seminário especial chegou mesmo a ser aberto com esse fim, em Saint-Denis, em Março de 1709. Mas, o rigor daquele inverno, a morte do fundador, e outras circunstâncias fizeram com que aquela obra não tivesse continuidade.

Desde os primeiros tempos, alguns alunos do Seminário do Espírito Santo orientaram-se para as missões estrangeiras, especialmente para o Canadá, o Extremo Oriente, a Guiana e Senegal. Depois da

“a divina Providência quis que fosse em Rennes, cidade natal de Poullart des Places, que em 1839, o senhor Libermann concebesse o projecto de fundar a Sociedade do Sagrado Coração de Maria cujos membros, vindo a unir-se à do Espírito Santo, em 1848, a consolidariam definitivamente.”

Revolução, foi exclusivamente com este fim das missões coloniais que a Congregação recebeu autorização de Napoleão, e mais tarde, de Luís XVIII para continuar o seu trabalho.

Apesar dos esforços dos respectivos superiores, a congregação passou momentos difíceis para alcançar o objectivo: envio dos missionários para as colónias francesas. Uma solução deveria chegar da parte do venerável Libermann, filho de um rabino de Alsácia. Ora, por uma admirável harmonia, a divina Providência quis que fosse em Rennes, cidade natal de Poullart des Places, e como que o berço inspirador da sua sociedade, que em 1839, o senhor Libermann concebesse o projecto de fundar a Sociedade do Sagrado Coração de Maria cujos membros, vindo a unir-se à do Espírito Santo, em 1848, a consolidariam definitivamente.

O objectivo principal de Poullart des Places foi a obra dos estudantes pobres. Ficou sensibilizado com a angústia, tanto material como espiritual, daqueles jovens escolásticos demasiado pobres para pagar a pensão num seminário, mas não é menos correcto considerar que, ao consagrar-lhes a sua vida, ele ambicionava antes de mais ir, por intermédio deles, em socorro das almas abandonadas. As almas abandonadas, os pagãos, no pensamento do fundador, estavam longe de serem excluídos.

O leitor preferirá certamente ver estas afirmações fundamentadas em documentos mais do que numa bela dissertação...

## AS PEQUENAS COMUNIDADES DE ESTUDANTES POBRES

Por alguma razão na sua obra *História dos Seminários franceses até à Revolução*<sup>4</sup>, Degert estudou o Seminário do Espírito Santo ao mesmo tempo que as “pequenas comunidades de estudantes pobres”, chamadas também “seminários menores”. A Biblioteca Nacional de França conserva um manuscrito intitulado: *Seminários Menores para formar gratuitamente, segundo o espírito do Concílio de Trento, durante vários anos, os estudantes pobres destinados ao serviço das paróquias rurais*<sup>5</sup>. Este documento redigido em 1680, é muito interessante para nós, pois trata daquele objectivo e do método empregue para o atingir, em quatro pequeninas comunidades de Paris, das quais, pelo menos duas, em 1715, serão integradas no Seminário do Espírito Santo.

“O projecto que nós tivemos com o estabelecimento dos nossos seminários menores ou das nossas pequeninas comunidades foi de reformar o clero da província, de prover, por este efeito, as paróquias pobres e pequenas de bons

<sup>4</sup> DEGERT, A. *Histoire des Séminaires français jusqu'à la Révolution*, Paris, Beauchesne, 1912, t. II, p. 341-341.

<sup>5</sup> *Petits Séminaires pour élever gratuitement et pauvrement, selon l'esprit du Concile de Trente...* Bibliothèque Nationale, Collection Morel de Thoisy, Réserve Z, vol. 273, p. 404-411, manuscrit de 7 pages in-quarto, dont l'auteur est François de Chancergues.

*padres, as povoações ou grandes vilas de bons vigários, capelães e mestres de escola; aplicamo-nos também a formar os arautos do Evangelho para o nosso país e para o estrangeiro, formamos bons padres para todo e qualquer serviço na Igreja, sobretudo para os lugares difíceis, pobres e abandonados.*<sup>6</sup>

O autor explica o abandono espiritual das aldeias de França devido à ignorância de um grande número de padres que, oriundos de famílias pobres, tinham sido impedidos de prosseguir os seus estudos por falta de meios. E seria em vão, no entanto, pensar que os grandes seminários, tais como existiam, poderiam dar uma solução a esta situação de abandono espiritual. Pois, os grandes seminários poderiam trazer outro problema...

*“... o mau comportamento e a escassez dos párocos das aldeias advêm do facto de que, quando se recebem os eclesiásticos pobres nos grandes seminários, como aí eles são incomparavelmente melhor alimentados do que nas casas das suas famílias, vão-se habituando a uma vida demasiado fácil e de algum requinte; tornam-se comilões e sensuais; e depois não aceitam serem nomeados para as paróquias rurais se as suas receitas não forem suficientes para ganharem um bom vinho, pão branco, carne de boi ou cabrito, cozido ou churrasco e outras guloseimas que tinham nos grandes seminários...”*

Esta recusa das pequenas paróquias por parte dos eclesiásticos bem formados é desastrosa para as pobres almas.

*“Eis, portanto, porque seria benéfico existirem padres nas aldeias, porque algumas estão inteiramente abandonadas, outras sem vigários e a maior parte sem mestres de escola. Muitas delas estão também mal servidas com comportamentos escandalosos, o que faz com que as igrejas sejam profanadas, os sacramentos não sejam tomados como coisas santas, as festas sejam destituídas da solenidade que lhes é própria e Jesus acaba por não ser conhecido pelos cristãos. A maior parte do povo simples acaba por morrer na ignorância dos principais mistérios da nossa religião...”*

<sup>6</sup> Notar o que o P. Charles Besnard, terceiro sucessor de Grignon de Montfort, escreveu, por volta de 1770, a propósito da formação dada no seminário do Espírito Santo: “Que estejam prontos para ser nomeados para uma zona rural do interior, permanecer junto de um hospital, dar instrução num colégio, ser professor num seminário ou dirigir uma comunidade pobre, ultrapassar as fronteiras do País e construir uma casa rudimentar; que estejam prontos a atravessar os mares até aos confins do mundo para ganhar uma alma para Jesus Cristo; a sua divisa é: eis-nos aqui, prontos a executar a vossa vontade – ecce ego, mitte me (Is. 6,8)” in Besnard (C), *Vie de M. Louis-Marie Grignon de Montfort*, Rome, Centre international montfortain, 1981, vol. 1, *Documents et Recherches*, IV, p. 283.



Para remediar a tantos males que tinham origem na ignorância e na falta de formação dos padres sem recursos, foi necessário receber os estudantes pobres, durante quatro ou cinco anos, nas pequenas comunidades, para os fazer praticar todos os exercícios próprios de um seminário, para lhes ensinar o canto, a liturgia, as cerimônias, a pregação, a catequese e a administração dos sacramentos... Mas, com esta diferença dos grandes seminários: desde que conservassem os seus hábitos de uma vida sóbria.

*“Nas pequenas comunidades, os estudantes alimentam-se de pão de rolão, toucinho, legumes, ervas, certo tipo de queijos e outros alimentos menos dispendiosos que fazem parte da mesa dos campestinos. Quem tiver sido educado desta maneira, poderá viver em qualquer lugar...”*

Assim concebidas, as pequenas comunidades serão constantemente procuradas pelos senhores bispos que escolherão os padres para todo o tipo de ministério. Mas as missões também não serão esquecidas; as pequeninas comunidades prepararão: “...missionários zelosos que irão instruir os povos, combater as heresias dentro e fora do País e pregar Jesus Cristo crucificado a todas as nações da terra, como se pode verificar pelas individualidades que saíram da Comunidade dos Estudantes Pobres de Paris, neste ano de 1680 e também nos anos precedentes. Veja-se que, desde o mês de Março do ano passado – 1679 – até Abril deste ano, quatro padres da referida Comunidade partiram para a China na qualidade de missionários; dois embarcaram para o Canadá...”

Todas estas citações nos fazem compreender qual foi a linha de pensamento que, segundo o autor do manuscrito, inspirou a fundação das pequenas comunidades: assegurar aos clérigos sem recursos a mesma formação que poderiam ter obtido nos grandes seminários, com a pequena diferença de se lhes manter o hábito das refeições com sopa de alho, pedacinho de toucinho, pão trigueiro e um cozido igual para todos. E desta forma, mais tarde, estariam prontos a aceitar as pequeninas paróquias. Mesmo o pouco que o povo pudesse pagar-lhes, eles receberiam como uma pequena fortuna, já que se sentiriam melhor do que em casa dos pais e melhor também do que na casa de formação por onde tinham passado.

O fim a atingir é excelente. O meio empregue parece demasiado pragmático e obriga os estudantes pobres a fazerem da falta de condições uma virtude.

## CARTA AOS ARCEBISPOS E BISPOS DE FRANÇA

Em 1701 aparecia em Paris um opúsculo com cerca de 100 páginas intitulado: *carta aos senhores arcebispos e bispos de França relativa à melhor educação que pode ser dada aos seus clérigos e às vantagens que daí resultariam para a Igreja*. Este documento era apenas o prefácio de um grande tratado sobre o mesmo tema. Estava assinado

J.A.D.D. as iniciais de Jacques Alloth du Doranleau, que tinha sido advogado, e entretanto responsável do priorado de Lande, na paróquia de Bruc, diocese de Saint-Malo.

O senhor prior Doranleau, como o chamavam os seus contemporâneos, era missionário desde há vinte anos. O seu documento era como que a cristalização de uma corrente de pensamento, a conclusão de uma reflexão comum desta equipa de missionários da Alta Bretanha na qual estavam Dom Leuduger, os eudistas, os jesuítas e também o padre diocesano Júlio Bellier. Visto que o padre Bellier tanto mantinha relações com o padre Doranleau como com Poullart des Places, sobre quem, desde há vários anos, exercia uma grande influência, podemos admitir que tenham existido alguns contactos entre o advogado que se tinha ordenado sacerdote e o jovem licenciado em Direito, que também o queria ser. Poullart des Places terá escutado do seu mestre em apostolado, as sugestões que o próprio padre Doranleau colocou por escrito e publicou. Cláudio foi também um dos primeiros leitores da *carta aos arcebispos e bispos*.

O padre Doranleau, a partir da sua experiência, referia este facto doloroso: na maioria dos casos, os frutos da missão, aparentemente bem feita, desapareciam rapidamente. Os missionários fazem o que podem *“para formar as consciências, para libertar as pessoas do meio sufocante dos espinhos do mundo e do joio do pecado e para lançar nelas a semente de uma nova vida cristã; mas aquele crescimento necessário para fazer brotar no coração dos fiéis os frutos que cada um deve apresentar a seu tempo (...) frequentemente, Deus fá-lo depender do cuidado particular dos párocos”*. Então não podemos deixar de dizer que: *“... nas nossas províncias é raro encontrar aqueles que estejam realmente dispostos a sacrificar-se. Pode dever-se ao facto de não se encontrarem suficientemente capacitados, o que faz também com que, geralmente, os frutos dos seus trabalhos apostólicos se façam sentir por pouco tempo... Não é de estranhar que o rebanho de Jesus Cristo esteja exposto ao perigo de ser devorado, já que é conduzido por pastores pouco esclarecidos, que não passam de mercenários, que não se preocupam, e que fogem quando se apercebem da chegada do lobo.”*

E qual é o remédio para estes males? Pôr em prática as orientações do Concílio de Trento sobre os seminários. A maior parte dos sacerdotes não estão à altura do seu ministério sagrado *“... e temos a liberdade de perguntar: onde, quando e como é que os homens poderão adquirir esta perfeição? Onde é que estes mestres poderão beber estas verdades? Onde é que estes ministros poderão receber o espírito desta fidelidade?”*

Não são os cursos ministrados nos colégios que podem dar o espírito sacerdotal aos alunos externos que aliás são demasiado numerosos para que possam ter relações pessoais com os professores de filosofia e de teologia; nem são sequer os seminários onde os jovens clérigos passam apenas alguns meses antes de receberem a ordenação.

O que deve ser feito é concretizar, enfim, o ponto mais importante do decreto conciliar, aquele que diz respeito à gratuidade do

“Pôr em prática as orientações do Concílio de Trento sobre os seminários. A maior parte dos sacerdotes não estão à altura do seu ministério sagrado”

curso em favor dos estudantes pobres. Dentro das grandes causas da deplorável situação do clero devem ser consideradas, com efeito, as grandes despesas: “... *que esgotam frequentemente os recursos das famílias de um grande número que estudam apenas com o objectivo de se tornarem padres, estado para o qual eles têm certamente melhores aptidões do que os candidatos ricos, e que seria pena que não conseguissem lá chegar. (...) Os dons da graça e do espírito, sendo qualidades celestes, nada têm a ver com a carne, nem com o sangue, nem com os bens deste mundo: o Pai celeste reparte os seus dons a quem lhe apraz e fá-lo geralmente aos pequeninos e aos pobres de preferência aos grandes e aos ricos.*”

Estas grandes despesas suportadas pelas famílias transformam-se em hipotecas que pesam sobre o ministério dos escolásticos pobres já ordenados: “*Porque para remediar e reparar as privações pelas quais fizeram passar a família durante os seus estudos, sentem-se obrigados a angariar fundos materiais pelo ministério sacerdotal e fazem-no sempre em detrimento da própria Igreja. Só Deus sabe a desordem que isto provoca e quanto isto custa à Igreja e às suas consciências.*”

Poder-se-á reduzir estes inconvenientes através da multiplicação dos colégios e com uma aproximação dos aspirantes ao sacerdócio das suas próprias famílias de forma a aligeirar as contribuições destas. Mas isto, por si só, não resolverá o problema...

“... *até que a piedade dos fiéis tenha assegurado a manutenção dos estudantes pobres, o que não deixará de se realizar desde que se tome a iniciativa. (...) Os meios e os auxílios chegarão em abundância.*”

Desta forma, portanto, para o padre Doranleau, o ideal seria a criação de pequenos seminários ou pequenas comunidades, onde, em conformidade com as intenções dos padres do Concílio de Trento e graças à generosidade dos fiéis, os estudantes pobres seriam, não somente alojados, mas também sustentados gratuitamente. Aliás, os estudantes pobres são chamados a participar tal como os ricos do sacerdócio de Cristo. Nada deve, portanto, ser negligenciado para lhes proporcionar as condições de tal dignidade. Será necessário sobretudo ensinar-lhes o que ele chamava “as quatro virtudes cardeais do sacerdócio: a piedade cristã, o zelo pela glória de Deus, o trabalho apostólico e a pobreza de espírito”. E sobre cada uma destas virtudes, o padre Doranleau fez um *pequenino tratado*.

Cumpridas estas condições, os bispos encontrariam “os operários preparados para todo o tipo de trabalho na Vinha do Senhor, assim como bons párocos e vigários de paróquias sobre quem impenidia a salvação do povo de Deus confiado à sua vigilância pastoral”. Mesmo para além das missões diocesanas, encontrar-se-iam entre esses padres, os bons obreiros para as missões no estrangeiro:

“*Surgiriam vários que estariam dispostos a anunciar o Evangelho àqueles que ainda não o ouviram. A pobreza que existe nesses vastos paí-*

“os estudantes pobres são chamados a participar tal como os ricos do sacerdócio de Cristo. Nada deve, portanto, ser negligenciado para lhes proporcionar as condições de tal dignidade.”

ses, segundo o que ouvimos falar, provoca a compaixão daqueles que não podem fazer mais por eles e leva-nos a ansiar também por uma instituição (pequeno seminário) que se encheria e daria infalivelmente os seus frutos. Como poderemos aceitar que existam apenas 72 obreiros na China, quando seriam necessários milhares? E como poderemos deixar de fazer algo mais para, pouco a pouco, formarmos os que seriam capazes de suceder aos que aí trabalham tão corajosamente?”.

Até pode parecer que algumas destas citações do padre Doranleau se afastem do tema do seu manuscrito: as pequenas comunidades parisienses para a formação dos clérigos pobres. Porém, o espírito que ressalta do seu opúsculo fala mais longe e mais alto. Ele tem em vista um ideal que se pode concretizar: aceitar a totalidade das despesas dos estudantes pobres. Não pensa somente nos hábitos alimentares da sopa de alho e outros que levarão os estudantes, mas uma vez ordenados padres, estejam dispostos a aceitar de bom grado os ministérios mais “deserdados”; será necessária, para isso, a *virtude* da pobreza espiritual.

Acabava o opúsculo do padre Doranleau de ser publicado quando Cláudio Poullart des Places deixou Rennes e foi estudar teologia em Paris. Desde a sua chegada à capital, o seu amor pelas almas abandonadas levou-o a dar catequese aos limpa-chaminés:

*“Existia, já naquele tempo, como nos conta o seu primeiro biógrafo, uma atenção particular pelas obras mais difíceis e abandonadas. Reunia de vez em quando os jovens savoianos e ensinava-lhes o catecismo sempre que podia, persuadido de que as suas almas não eram menos queridas a Jesus Cristo do que as dos grandes senhores, esperando deles tantos ou mais frutos.”*

“Desde a sua chegada à capital, o seu amor pelas almas abandonadas levou-o a dar catequese aos limpa-chaminés”

Após a sua chegada a Paris, começou a ajudar, material e espiritualmente, os estudantes pobres pelo que não demorou a descobrir que era isso mesmo o que Deus esperava dele. Sabemos que este assunto era bem claro para ele, quando, em Abril de 1703, o seu amigo Grignon de Montfort lhe propôs tornar-se seu associado na Companhia de Maria que ele projectava fundar.

«O senhor Places foi aquele sobre quem fixou a atenção para executar o seu projecto. Foi visitá-lo, propôs-lhe o seu plano e convidou-o a unir-se a ele para constituir o fundamento daquela boa obra (Companhia de Maria). Cláudio respondeu-lhe com toda a candura da sua alma: “Não me sinto atraído pelas missões, mas reconheço o muito bem que por elas se pode fazer. Não deixarei, pois, de contribuir com todas as minhas forças para que elas se realizem. (...) Você sabe que, desde há algum tempo, distribuo tudo o que está ao meu alcance, para ajudar os estudantes pobres a prosseguirem os seus estudos. Conheço vários que teriam disposições admiráveis, mas que, por falta de auxílio, as não podem fazer valer e são



*obrigados a enterrar talentos, que, se fossem cultivados, seriam muito úteis à Igreja. É a isto que eu queria aplicar-me, reunindo-os numa mesma casa. Parece-me ser isto o que Deus me pede”».*

Na realidade, Poullart des Places tinha sonhado consagrar-se às missões, pelo menos às missões longínquas, mas tinha feito sua aquela conclusão dos padres Doranleau, Bellier e dos missionários da Alta Bretanha que dizia que, para ir em auxílio das almas abandonadas, de um modo eficaz, era necessário primeiramente preparar obreiros apostólicos, virtuosos e capazes. Tem consciência de que a ciência é inseparável da virtude. Costumava dizer que tanto temia a fé e obediência à Igreja de um padre instruído, mas sem piedade, como o zelo cego de um padre piedoso mas sem instrução. Como se pode ver pela resposta dada a Grignon de Montfort, compadecia-se da penúria dos estudantes pobres, e lamentava-se sobretudo por causa das consequências: aqueles talentos enterrados, por não terem sido cultivados, estavam condenados a permanecerem estéreis, o que significava uma grande perda para a Igreja. Para as missões, ele não pretende enviar operários formados à pressa, sob pretexto de que é urgente, mas quer antes enviar obreiros bem qualificados. Para a formação destes não poupará tempo nem esforços. Uma vez ordenados padres, após 2 anos de filosofia e 4 de teologia, estes clérigos poderão permanecer ainda dois anos na sua comunidade a fim de melhorarem a preparação apostólica. Isto porque, a seus olhos, a alma dos pobres limpa-chaminés, como a dos grandes senhores e a dos pobres dos hospitais ou dos pagãos, valem o sangue de Cristo.

Mas não poderá o óptimo ser inimigo do bom? Não se sentirão tentados estes jovens padres a tirar proveito pessoal e material dos talentos que longa e cuidadosamente lhes foram ensinados? Não. Se sentirem a tentação, não se deixarão cair, porque na casa de Poullart des Places a pobreza não tem tanto a ver com os recursos mas mais com uma mística, ou seja, a pobreza espiritual fará não só aceitar, como também amar e procurar a pobreza material.

Esta pobreza espiritual, *virtude cardeal do sacerdote*, Poullart des Places não se cansava de a recomendar nas suas conferências de espiritualidade, nos encontros pessoais e pregava-a sobretudo pelo seu exemplo. Herdeiro de uma imensa fortuna, tinha feito voto de pobreza, partilhava a vida com os seus colegas estudantes, recusando três benefícios que o seu pai lhe tinha conseguido da Sé de Roma.

Mesmo depois da morte do fundador, o Seminário do Espírito Santo guardará como uma tradição de família este amor à pobreza. A partir das pesquisas das biografias dos antigos alunos da rua Neuve-Sainte-Geneviève ou da rua des Postes, onde esteve sediado o seminário, é fácil encontrar dados apologistas da pobreza espiritana. Basta-nos referir os exemplos de Pedro Caris e José Hédan. O primeiro, conhecido como confidente de Poullart des Places e mais fiel seguidor dos seus ensinamentos, mereceu ser chamado o *padre pobre*. O

“Para as missões, ele não pretende enviar operários formados à pressa, sob pretexto de que é urgente, mas quer antes enviar obreiros bem qualificados.”

“Esta pobreza espiritual, *virtude cardeal do sacerdote*, Poullart des Places não se cansava de a recomendar”

segundo, que entrou no Seminário do Espírito Santo em 1707, consagrou a maior parte da sua vida sacerdotal aos pobres do hospital de *la Rochelle*. Ao aproximar-se o momento da sua morte, tinha no bolso um saldo de seis libras<sup>7</sup>. Foi o que ele ofereceu a um pobre, dizendo: «Nasci pobre, vivi pobre e quero morrer pobre».

Eis, pois, como as almas abandonadas constituíam a preocupação primordial de Poullart des Places. E é no seu projecto que devemos encontrar a inspiração deste trecho da Regra da Comunidade e Seminário do Espírito Santo, escrita pelo padre Bouïc em 1733: «Pro fine habet (...) pauperes Clericos educare, qui sint, in manu Praelatorum parati ad omnia, Xernodochiis inservire, Pauperibus et etiam Infidelibus Evangelizare, munia Ecclesiae infima et laboriosa magis pro quibus ministri difficile reperiuntur non modo suscipere sed etiam toto corde amare et prae caeteris eligere».

Traduzindo: «O instituto tem por fim formar clérigos pobres, no zelo pela disciplina eclesiástica e no amor das virtudes, sobretudo da obediência e da pobreza, de modo que se coloquem à disposição dos seus superiores prontos para tudo: tanto para servir nos hospitais, como para evangelizar os pobres e mesmo os infieis; dispostos não só a aceitar, mas também a amar de todo o coração e a escolher de preferência os ministérios mais humildes e os mais cansativos para os quais dificilmente se encontram obreiros».

“O instituto tem por fim formar clérigos pobres, dispostos não só a aceitar, mas também a amar de todo o coração e a escolher de preferência os ministérios mais humildes e os mais cansativos para os quais dificilmente se encontram obreiros.”

<sup>7</sup> Moeda que existia em França no tempo de Poullart des Places.